

Sinopses

Aline Motta

(Outros) Fundamentos, 2017–2019

No seguimento de *Pontes sobre abismos* (2017) e de *Se o mar tivesse varandas* (2017), *(Outros) Fundamentos* fecha a trilogia de filmes de Aline Motta. A última parte lida com as consequências da viagem até Lagos, na Nigéria, que a artista realizou em busca das suas raízes, e questiona o que significa pertencer a um lugar que pode não reconhecer o seu parentesco, aparentemente evidente. Aproximando Lagos, Cachoeira (Bahia) e o Rio de Janeiro, cidades cujos nomes, dados por colonizadores portugueses e importantes para o Atlântico negro, evocam massas de água. O filme relaciona estes territórios através de baías, tios e pontes, mapeando as correntes de uma história ancestral partilhada. A narração de Motta sobre as suas observações, combinada com uma montagem sonora e rítmica das imagens filmadas nos locais, acompanha o filme. Imagina uma forma de comunicação através de espelhos que de alguma forma refletiriam a mesma luz em ambos os lados do Atlântico.

Camila Freitas

Aparição, 2024

Recorrendo à observação participante próxima da metodologia da antropologia, a cineasta mostra de uma forma sensível e respeitosa o ritual das velas que a avó pratica em casa para conseguir proteção e bem-estar. A avó relata o seu primeiro encontro com a aparição do caboclo Indaia e partilha outras visões espirituais, antes da artista revelar as suas próprias visões na presença da filha, ainda criança. A cosmologia afro-brasileira (umbanda) mistura elementos indígenas, africanos e católicos. Estas crenças permitem aos praticantes conectarem-se com os mortos, ou com entidades espirituais protetoras e de cura. O filme sublinha tanto a transmissão de práticas espirituais e a matriz das narrativas de visões de uma geração para outra, como a sua importância coletiva na vida diária que ultrapassa a realidade visível. A obra foi concebida como uma instalação de vídeo de dois canais para exposições e mergulha o público em narrativas paralelas.

Janaina Wagner

Curupira e a máquina do destino, 2021

Curupira é a primeira parte da trilogia transamazônica de Janaina Wagner, que inclui *Quebrante* (2024) e *Quando o segundo sol chegar/um cometa nos teus olhos* (2025). Seguimos a protagonista no coração da Amazônia, onde a Transamazônica BR-230 se cruza com a igualmente lendária Estrada Fantasma BR-319. O filme, uma docuficção semelhante a um *road movie*, faz referência a *Iracema – Uma Transa Amazônica* (1974), um filme de Jorge Bodansky e Orlando Senna e um clássico do Cinema Novo. Na obra de Janaina Wagner, a protagonista aparece como o fantasma da personagem principal com o mesmo nome, que incorpora uma prostituta de 14 anos indígena que viaja com o condutor de um camião. O filme termina com o encontro imaginário e significativo entre o fantasma de Iracema e Curupira, uma figura mitológica bem-conhecida no Brasil pelas comunidades indígenas, considerada um protetor poderoso das florestas e temido como vingador. O filme torna-se uma declaração artística contra as exigências neocoloniais das potências externas na região amazônica, incluindo o Estado, simbolizado pela Transamazônica, que foi inaugurada em 1972 durante a ditadura militar (1964–1985).